

EDITORIAL

Vivemos um momento histórico em que a saúde está cada vez mais em evidência. De programas televisivos voltados à orientação do “comer corretamente” às academias de ginásticas que se propagam em nome do corpo saudável, homens e mulheres buscam a saúde como um bem a ser consumido cotidianamente. Tecnologias do corpo e dispositivos médicos são vendidos/comprados pela multidão, ansiosa por uma vida saudável, longe da dor, dos problemas físicos e da exclusão social.

Nesse cenário, este dossiê foi pensado para pôr em discussão as várias formas de narrar o corpo saudável ou doente em diferentes momentos históricos, as fronteiras entre o viver e o morrer, as tecnologias de salvação que estão postos em embalagens e bulas de remédios, em ementas de disciplinas voltadas para os exercícios físicos dos alunos, em prescrições médicas sobre o adoecimento e o comportamento feminino e masculino, na inserção de disciplinas nos currículos escolares que pensem o diálogo entre corpo e saúde. Esse dossiê, portanto, cumpre um aspecto interdisciplinar, traduzido no diálogo entre história e ciência médica, entre os dispositivos médico-disciplinares e as tecnologias pedagógicas de fabricação do corpo saudável.

No século XVIII, os dispositivos médico-farmacêuticos no ambiente universitário foram evidenciados pelo professor José Francisco Leal. Para tanto, João Rui Pitta, Ana Leonor Pereira e Victória Bell, professores da Universidade de Coimbra, fazem uma leitura biocultural e biossocial de José Francisco Leal, brasileiro do Rio de Janeiro, e primeiro professor da disciplina de Matéria Médica e Arte Farmacêutica após a reforma pombalina da Universidade de Coimbra (1772). No artigo que abre este dossiê, os autores refletem sobre a importância da reforma pombalina da Universidade e os estudos médicos, salientando a articulação entre José Francisco Leal, o espírito experimental que revestiu a reforma pombalina dos estudos médicos de 1772 e as tecnologias políticas de expansão da ciência médica em Portugal.

O diálogo entre espaço escolar e saber médico pauta também a discussão do artigo “Higiene e Educação Physica”: modelando corpos robustos e sadios no Instituto Pedagógico”, de Alexandro dos Santos, ao analisar as tecnologias de produção de corpos robustos e sadios nas disciplinas de Higiene e Educação Física no Instituto Pedagógico Campinense (Campina Grande – PB) nas décadas iniciais do século XX. Para tanto, Alexandro lança mão dos conceitos de medicalização e disciplinarização de corpos escolares, enfatizando os projetos educativos na sociedade moderna como resultados de um processo que tem como alvo a disciplina do corpo dos sujeitos, produzindo, dessa forma, dispositivos de controle social.

A conduta feminina desequilibrada e os dispositivos de controle dos seus delírios são o tema do artigo produzido por Carlos Miranda, da Universidade Federal de Pernambuco. Como forma de bem controlar e proteger o corpo social, os hospitais de “alienados” são os espaços preferidos para conter os corpos que estão “fora de si”, possuídos pelo desequilíbrio mental e por “forças estranhas”. Dessa forma, o artigo intitulado “Delírios Femininos”: vivências de mulheres internadas no Hospital de Alienados (Recife/PE, 1927-1936)” traz à baila os projetos de institucionalização da estrutura manicomial em Pernambuco no final do século XIX, com a construção do Hospício de Alienados no Recife. O professor Miranda procura mapear dados importantes sobre a história de algumas mulheres em situações de delírio junto às suas famílias no período em que foram internadas no hospício e a atuação disciplinar do Serviço de Higiene Mental.

O cenário escolar também é o espaço privilegiado pelos autores Raimunda de Fátima Neves Coêlho, Francielia Limeira de Sousa e Igor Neves Coêlho, ao problematizarem a conexão entre as doenças físicas e mentais e o trabalho docente no sertão da Paraíba. No artigo “A saúde de professores universitários no sertão nordestino –Brasil: investigando suas características clínico-comportamentais” não é mais a histeria (conforme narra o artigo do professor Miranda) que ganha visibilidade, mas outros transtornos mentais e de comportamento que marcam o cotidiano desses professores em sua lide docente. São, portanto, outras tecnologias de controle que estão presentes no cenário sertanejo, de modo a normatizar e normalizar o corpo docente em situação de perigo.

Nos artigos aqui apresentados, podemos acompanhar as modificações científicas vividas por várias instituições (faculdades, escolas de ensino básico, hospitais) em períodos distintos, nuançadas pelo papel de seus articuladores como “homens da ciência”, dando um quadro bem emoldurado das propostas que se tentavam instituir, em diversos espaços, as tecnologias científicas de controle do corpo e de produção da saúde.

Integram a edição 38 de Mneme, na seção de temática livre, artigos da lavra de André Paiva e Itamar Nobre; Ilane Cavalcante e Conceição Flores; Jordan Silva e Cândida Câmara; Mario Teixeira de Sá Júnior; Oseias Oliveira e Angélica Stachuk e Túlio Augusto Paz e Albuquerque. Além dos anais do Seminário de Integração da Especialização em História e Cultura Africana e Afro-brasileira, ocorrido na UFRN (CERES – Campus de Caicó) entre 04 e 05 de março de 2016.

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira – UFCG
Prof. Dr. Jorge Márquez Valderrama - UNC
Organizadores do Dossiê História e Tecnologias da Saúde